ANO I — N.º 166 PREÇO, 2 CENTAVOS Terça feira, 12 de Agosto de 1919

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talhaba — Lisboa* • Telefone: r
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

COMO DURANTE A GUERRA

Aqueles que, esperançados no findar da guerra e na assinatura do tratado de Versalhes, esperavam que o custo da vida baixasse sensivelmente pouco depois do morticínio, devem, a estas horas, perante os factos, estar completamente desiludidos. Não só a vida se mantêm cara e difícil; não só o operário, a despeito de ver aumentado o seu salário, continua lutando com enormes dificuldades, mas ainda os açambarcadores persistem em não arrecadar na arca das velharias, os processos de que durante a conflagração se utilizaram para o grangeio de avultadas fortunas, que mais não representam, feitas bem as contas, do que a metalização de muitas lágrimas, de muitas dores, de muita fome. Prova clara desta nossa asserção, são os acontecimentos de que ainda há pouco foram teatro cidades de Alentejo e que êste jornal tem relatado minuciosamente. Não teem tais acontecimentos laivos de sangue nem há desgraças a lamentar; porêm, muito valem como demonstração enérgica da vontade popular, ante as manobras de alguns açambarcadores que pretendiam alterar, nessas localidades, o preço do pão.

Todavia, se coroadas foram de êxito essas resistências populares a um detalhe da especulação que se faz com os géneros de primeira necessidade, já igual êxito não podemos registar no que se refere a uma tenaz e completa oposição a todas as manobras das classes detentoras do mando e dos instrumentos de produção, manobras tendentes a dificultar a vida dos que na realidade desempenham uma função útil. Não se faz essa oposição e as tentativas que ainda há pouco se esboçaram para uma campanha contra a carestia da vida—tentativas levadas a cabo pela organização sindical e que terminaram pela greve geral de Novembro, fracassada devido mais à indiferença e alheamento da situação das classes trabalhadoras, do que às perseguições dos políticos que então estavam no Terreiro do Paço—nenhum resultado tiveram. De forma que, não encontrando o comércio, a indústria e a agricultura, sinistro triunvirato responsável pela miséria mundial, uma viva resistência às suas extorsões—a que fàcilmente se aplicariam muitos dos artigos do Código Penal, se êste não tivesse sido feito senão para os humildes, para os pequenos—continuamos vivendo neste regime de desenfreada especulação, especulação que se exerce sôbre todos os artigos, de nada valendo a turba de indivíduos albergados no ministério do largo de S. Roque, e que mais parecem empenhados em manter o cancro voraz da carestia da vida, do que em exterminá-lo de vez, receosos—quem sabe?—de que depois lhes retirassem a farta gamela.

Mas de tal forma está o povo consumidor afeito a ser expoliado do fruto do seu trabalho—representado por êsses massos de nauseabundas e anti-higiénicas cédulas que a Casa da Moeda vomita ininterruptamente—pela legião incontavel de parasitas albergados nêste país, que uma certa vergonha já se nota entre os individuos que êsse povo consumidor constituem, por à casta parasitária não pertencerem... E' que, em boa verdade, não há memória de um país ver as suas melhores energias sugadas pelos videirinhos e ambiciosos, pelos desvergonhados e audaciosos, que são corrente avassaladora numa terra em que a opinião pública quasi que não existe, certamente devido à pouca cultura dos que a povoam.

Certo é, porêm, que não se pode viver. Devemos confessar que determinados géneros que por completo haviam desaparecido dos mercados, actualmente mais ou menos abundam. Porêm, tam elevado se mantêm o seu custo, que para o proletário que do manejo da ferramenta vive, é como se êles continuassem encerrados nos armazens dos açambarcadores. Fastidiosa seria a enumeração dêsses géneros, porque êles constituem a quási totalidade dos artigos de imprescindivel necessidade — imprescinbilidade que, afinal, estão os trabalhadores desmentindo, apertando todas as semanas à correia que trazem à cinta, mais um furo... Não é uma flôr de retórica a afirmativa de que a fome lavra em quási todo o país; simplesmente, muitos operários que a ela já estão adaptados, não constatam todo o horror dêsse facto, pois de contrário já de há muito se teriam erguido coléricos e revoltados, descendo cheios de ira à praça pública, preferindo a morte, antecedida por ruidoso protesto, à fome lenta de que todos estamos morrendo, verdade que aos poucos, mas que implacavelmente nos arremessa para os braços descarnados da tuberculose.

Preguntarão: ¿Mas porque motivo os governantes, perante a actual situação, não tomam enérgicas medidas, fazendo uma guerra feroz aos que engordam com a fome pública? Um indivíduo que folheasse uma colecção dos diplomas que, referentes à vida cara, se publicaram a partir do início da crise, verificaria as inúmeras incongruências que ali estão estampadas, como clara demonstração da incompetência do regime burguês para por completo debelar o angustioso flagelo que ora nos assalta. Como única solução à carestia da vida, mesmo como melhor solução, encontraram até agora os *nossos* governantes o emprêgo da fôrça bruta, única que a seu lado teem, para fazer calar os protestos dos que se atrevem a dizer que, em pleno regime do povo e para o povo, teem fome!

E' merecedor o povo, porêm, de semelhante sorte. A' excepção da parte consciente do proletariado da região de Lisboa e dos operários da provincia, já organizados, ninguem protestou contra os abusos das classes dominantes. A vontade enérgica da organização sindicalista esbarrou sempre, nas suas reiteradas tentativas de guerra aos causadores da carestia da vida, com a universal inércia do povo português. Merecedor, é, pois, de que continue sendo vítima das manobras de todos os tratantes. Até que um dia, por uma afirmação potente da sua vontade soberana, se redima dessa vergonhosa aquiescência de sempre ao saque completo de que tem sido vítima.

NOTAS & COMENTARIOS

Os mariolões

Anuncia uma nota inserta ontem na imprensa burguesa que vão as entidades oficiais averiguar quem tem subsidiado os grevistas ferroviários, para que êstes tivessem podido manter-se durante as decorridas semanas de luta. Tem o redactor da nota especiais aptidões para a insidia, como se prova pela transcrição:

As entidades oficiais procuram agora descobrir quem tem interêsse em alimentar a greve dos ferroviários, porquanto aos grevistas não falta dinheiro, apesar de há já dois meses não receberem honorários, ou seja o mês em greve e o mês anterior, que ainda lhes não foi pago.

Não podem admitir os mariolões da burguesia que uma classe se mostre resistente senão quando subsidiada por elementos extranhos. E, todavia, êsses mesmos mariolões esfalfam-se a proclamar que ganham os operários rios de dinheiro, quantias fabulosas, salários de espantar. Mas teem tanto a consciência de que mentem quando isso afirmam, que logo se mostram espantados quando, após quatro dias de greve, não capitulam os grevistas, vergados pela fome. ¿Manteem-se os ferroviários em greve há já semanas? Pois manteem. E' à custa do dinheiro amealhado mercê dos «salários fabulosos» que antes da greve recebiam. ¿Não parece a hipótese verosimil aos insignes mariolões?

Peles brancas e peles negras

São 33 os mortos e excede 700 o número de feridos resultantes dos distúrbios recentes, em Chicago, entre brancos e pretos. Foi coisa séria, como se vê, a avaliar pelo sangue derramado, sangue que é sempre vermelho, vertam-no corpos de pretos ou de brancos. Para restabelecer a tranquilidade adoptou a tropa, em Chicago, a tática tradicional, que consiste em deitar mais lenha na fogueira isto é, em exacerbar a desordem com novos tiroteios, até... que as munições se exgotem. Pois foi rijo o massacre na cidade norte-americana. Uma sangueira. ¿Quantas mais haverá até que a fraternidade entre definitivamente a dirigir as acções dos humanos?

Amore, amore...

Esquecendo os ressentimentos com que a guerra os separou, já os americanos andam a apegar-se às alemãs por meio dos laços brandos do noivado, e nada menos de cento e quarenta cidadãos dos Estados Unidos requereram ùltimamente do seu govêrno licença para tomar a mão às inimigas de ontem. Quem apita sèriamente com o caso são os germânicos, aos quais estas uniões com estrangeiros são odiosas. Desconhecimento, afinal, da psicologia humana. Já as Sabinas de Roma primitiva, longe de conservarem um rancor sacratíssimo aos seus raptores, entraram logo ao segundo dia, a fazer-lhes olhos bonitos. E já o derradeiro Horácio vencedor traspassou a irmã por ter esta preferido a derrota dêle à morte do amado inimigo. Só, tu só, puro amor com fôrça crua, consegues apagar os obstáculos que a gueara levantou à união de amantes. Certo é que o amor tem só uma linguagem, mais intuitiva ainda que o Esperanto. Para êle não há fronteiras, que os namorados transpõem-nas a todas. Por mais apertadas que elas sejam.

II Congresso Operário Nacional

A crise na indústria téxtil

Moção a apresentar ao próximo Congresso Operário

Considerando que a crise que actualmente atravessam os operários da indústria textil provêm da abundância dos artigos produzidos e da alta dos seus preços, abundância provocada pela atitude de ganância ilimitada do industrialismo, que não se preocupando com os progressos da indústria textil tem levado a mesma a um estado quási primitivo, alta de preços também justificada pela diferença de salários notada em vários centros produtores de lanifícios e de algodões;

Considerando que a classe operária poderá moralizar o seu trabalho pelo estabelecimento do salário mínimo e do horário de trabalho fixado em oito horas, porquanto a indústria de lanifícios não lançaria no mercado os seus artigos com diferença de preços e também não se aproveitaria para tal a baixa de salários ocasionada pela falta de protecção às classes trabalhadoras;

Considerando que se tem descurado o problema de intensificação comercial entre o continente da República portuguesa e as suas colónias, permitindo que o estrangeiro, com prejuízo nacional, ali vá transacionar os seus produtos;

Considerando que a República portuguesa terá que defender os interêsses de todos os cidadãos, procurando o barateamento da vida, por medidas que comprovem a sua atenção em utilidade de tam momentoso problema e existindo também relação entre a carestia da vida e a crise da indústria de lanifícios, porquanto o industrialismo, apesar de se haver fixado já o preço da lã, não prepara a descida de preços dos seus artigos e, conseqüentemente, não é permitido às classes trabalhadoras o adquirirem as fazendas de que necessitam, mas êstes estão a pretender resolver o problema com o encerramento das fábricas para diminuir a produção e entregando ao Estado a resolução do assunto pelo emprêgo dos operários em obras do Estado, onde o mesmo operariado é obrigado a dar *déficit* de produção pela falta de adaptação a êsses trabalhos;

O Congresso Nacional Operário, reùnido na cidade de Coimbra, apreciando êstes factores de ordem geral, resolve:

1.º Reclamar do govêrno a nacionalização da indústria de lanifícios, criando de tal forma o equilíbrio entre a produção e a venda;

2.º Que do mesmo govêrno se reclame a intensificação e desenvolvimento das relações comerciais entre o continente da República e os seus territórios coloniais, com o estabelecimento de delegacias e agências, procurando as mesmas a colocação necessária aos produtos fabricados nos centros industriais e, conseqüentemente, aos artigos e géneros produzidos e arrecadados nas colónias;

3.º Para que tal se faça com proveito e utilidade gerais, reclamar também para que a essas delegacias e agências presida sempre uma comissão de representantes das associações industriais e das associações operárias;

4.º No caso de não se conseguir que o govêrno da República atenda as justas reclamações da classe operária e demonstre a intransigência na persistência de continuarem os operários profissionais fóra dos seus misteres para, patenteada a sua pouca adaptação, serem alvo dos comentários das classes burguêsas, o II Congresso Nacional Operário resolve que, por intermédio da Confederação dos Sindicatos Operários, se desenvolva uma activa propaganda de forma a conseguir-se que o dia normal de oito horas de trabalho seja em breve um facto a cumprir-se regularmente e seja completado pelo estabelecimento do salário mínimo.

O delegado da Associação de Classe dos Operários da Indústria Téxtil (Covilhã), *João dos Santos Marques.*

Após a revolução

V

Sim, o azeite de Moura gosa de fama justificada, não só porque se apresenta com um colorido atraente, não só por que é duma cristalina limpidez, mas ainda, e principalmente, porque é agradabilíssimo ao paladar e porque os seus salutares efeitos sôbre o organismo são assás excelentes. E' o resultado da boa qualidade do terreno onde as oliveiras se desenvolvem e, dum modo geral, das condições favoráveis da região para o pleno desenvolvimento do lindo fruto, negro como azeviche umas vezes, rôxo como ameixas noutras e quási sempre verde como a esperança, que produz o excelente óleo que Moura exporta abundantemente. Eu não sei se Moura tem estatísticas organizadas sôbre a produção e consumo do seu famoso azeite. E' natural que tenha. Pois bem: se a rica vila alentejana exporta hoje o seu excedente em azeite, recebendo em troca o dinheiro correspondente ao valor do género, o que é que impedirá que amanhã, *após a revolução*, o exporte da mesma maneira, recebendo em troca, mas o valor *real* em produtos? Uma advertência importante: Como aqui empreguei irreflectidamente o termo *valor*, permita o leitor que explique melhor. Moura não receberá, em troca do seu azeite, o *valor* dêsse azeite; Moura receberá *aquilo que precisar*, entregando às outras Comunas *aquilo que lhe sobrar*. Assim é que será em comunismo. Sim, por que esta coisa de *valor*, dá-nos a impressão de que Moura, se pudér, supunhamos, exportar *pouco* azeite, o que muito bem pode suceder num ou mais anos escassos, receberá *poucos* produtos. Não é nada disso! Se Moura poder exportar em determinado ano *muito* azeite, necessitando de requisitar às outras Comunas *poucos* produtos, *muito* mandará e *pouco* receberá; mas se, pelo contrário, como conseqüência duma colheita pouco abundante, em determinado ano tiver de exportar *pouco* azeite e tiver necessidade de *muitos* produtos de outros pontos da terra, mandará *pouco* e receberá *muito*.

Que dêste facto resultará um desiquilíbrio, tentará dizer o farisaismo burguez. Não resultará tal. Neste procedimento inteligente existirá apenas a necessária harmonia entre os homens, contràriamente ao que sucede hoje, que existe uma estúpida e permanente luta de mesquinhos interesses. ¿Um desequilíbrio, resultante desta prática fraternal? ¿Mas desiquilíbrio de que maneira? ¿Por que Moura poderá em anos sucessivos, mandar *pouco* e receber *muito*, ou, pelo contrário, mandar *muito* e receber *pouco*?

Não, isso não é desiquilíbrio. E', muito pelo contrário, o equilíbrio indispensável. Não é assim? Exemplifiquemos: O leitor tem dois filhos, Pedro e Augusto. Pedro faz-se homem; e, porque é, naturalmente, malconstituído, produz pouco para a pequena comuna que é a casa do leitor. Pedro, come, veste, calça, diverte-se, etc., gastando o mesmo *ou mais* do que Augusto. Ao contrário, Augusto, que igualmente se fez homem, é um rapagão admirável, produzindo num só dia o que Pedro não consegue produzir em três.

Há aqui um desequilíbrio? Não, não há. Aparentemente, há; mas de facto tal desequilíbrio não existe. E sabe o leitor porquê? Porque Pedro, tendo curado as suas anormalidades, começa em certa altura da sua vida a produzir em muito maior abundância do que Augusto, que, ao contrário, por motivo de enfermidades adquiridas, passou a produzir pouco, consumindo muito.

Fiz a harmonia, de cuja possibilidade só duvidarão os pèssimistas, isto é, aqueles poucos que são incapazes, por motivo de preguiça cerebral, de compreenderem as racionais doutrinas do comunismo económico.

Gonçalves CORREA

O povo de Setúbal e os fabricantes

Veiu ontem efectivamente a Lisboa uma numerosa comissão de representantes das associações operárias de Setúbal, que se avistou, no parlamento, com o presidente do ministério e ministro do interior, a quem expôs os motivos que determinaram o conflito de sexta-feira última com vários proprietários de fábricas de conservas, facto a que ontem fizemos referência.

O ministro, com quem uma comissão de fabricantes já estivera em ameno colóquio, ao que parece, deixou transparecer das suas palavras—e o contrário é que seria para estranhar—estar na intenção de não permitir que o actual administrador do concelho, continui a manter-se com imparcialidade ante os conflitos entre operários e patrões, acrescentando que o povo de Setúbal está descontente com certos casos ali ocorridos, ao que a comissão objectou que o povo, ali representado por ela, está descontente, não há dúvida, mas com a atitude provocadora dos fabricantes, que parece quererem conduzir o proletariado a um conflito.

Ao ministro e ao governador civil, com quem a referida comissão também se avistou, foi entregue a seguinte representação:

Ex.mo Sr.—As classes trabalhadoras de Setúbal, representadas pelos seus presidentes, veem perante v. ex.ª representar no sentido de que justiça lhes seja feita na importante questão que os traz até v. ex.ª

Não desconhece por certo v. ex.ª a forma legal da venda de peixe em lota, geralmente usada em todo o país, única que se harmonisa com todos os interêssses e faz prevalecer a verdadeira liberdade de comércio, onde cada industrial adquire as quantidades necessárias ao seu fabrico pelos preços que lhes são acessíveis, sem prejuízo de segundos, posto que o peixe é vendido ao melhor preço, em livre concorrência de oferta.

Não o entendendo assim hoje os srs. industriais de conservas em Setúbal, resolveram êles estabelecer um preço por canastra, ao seu arbitrio, exercendo coacções e pressões no sentido de prejudicarem a indústria de pesca, quere atingindo a classe patronal, quere as cooperativas e trabalhadores do mar, com reflexão em todas as outras classes de Setúbal, e, por último, atingindo o próprio Estado, pois que êste deixa de cobrar os impostos que deveria pela livre concorrência e oferta.

Não será preciso dizer mais a v. ex.ª para que, dentro da lei, justiça nos seja feita, promovendo que se mantenha o usual processo de venda em lota, fazendo assim prevalecer a boa ordem e a vontade de trabalho, sempre evidenciados nas classes trabalhadoras de Setúbal, o que tam necessário é no presente, porquanto da atitude dos srs. industriais de conservas resultaram já conflitos, felizmente sem importância de maior, devido às boas medidas e o acertado critério com que se houve o actual administrador do concelho, contra quem, por êsse facto, se move uma campanha por parte dos mesmos srs. industriais, cuja atitude nada justifica a não ser as discordancias de ordem política, a que somos absolutamente alheios, só tendo que louvar o critério de s. ex.ª por igualmente se alhear da política, resolvendo dentro da lei e fazendo prevalecer a ordem e o trabalho.

Setúbal, 9 de Agosto de 1919.

As Associações de Classe de Setúbal.—(Seguem as assinaturas e os carimbos dos sindicatos).

E' proíbida a exportação de açúcar

BUENOS AIRES, 10.—Foi proíbida a exportação de açúcar.—H.

A GREVE FERROVIARIA

Desiludidos da acção dos políticos, sempre nefasta, os grevistas prosseguem na luta

Segundo a nota oficiosa do Sindicato Ferroviário, ontem publicada nêste jornal, um dos membros da comissão parlamentar que se incumbiu de procurar uma solução conciliatória para a greve ferroviária, andou procurando aliciar amarelos. *Eloqüente é êste incidente, caso é que os trabalhadores dêle tirem as ilacções necessárias, pois bem demonstra quão perniciosa é, em quaisquer circunstâncias, a intromissão de elementos políticos em movimentos de classe. E os camaradas ferroviários não devem esquecer êsse facto, convencendo-se de vez que a burguesia é sempre adversa às reclamações do operariado, ainda quando moderadas, fazendo-lhes guerra de morte. As greves devem ser sempre orientadas pelos respectivos Sindicatos, que são os únicos baluartes de que a classe operária dispõe, impondo-se, portanto, que êles sejam robustos e aguerridos a fim de, eficazmente, dirigirem a luta de classes.*

Nota oficiosa do Comité Central

A greve continua sem desânimos ainda que um ou outro mais medroso se apresente ao trabalho aqui e ali. Para a frente é que é o caminho.

Para evitar canceiras à polícia que vai encetar trabalhos para saber a proveniência do dinheiro que os ferroviários teem gasto com a greve, cumpre-nos dizer: 1.º, que é melhor não pensarem em tal cousa, porque nós a informamos; 2.º, tem saído do nosso cofre e com o auxílio de quem é nosso amigo. 3.º, emquanto em Lisboa e fóra houver associações de classe, elas nos ajudarão como teem feito.

Dizem que a Companhia, por intermédio do govêrno, vai mandar vir do Minho e Douro alguns maquinistas *reformados* com os ordenados de 200$00 e 300$00 por mês. Não é necessário tal despeza, porque os de cá fazem isso mais barato, mas muito mais!

Informam-nos também que qualquer guarda-freio dos que andam a praticar, ganha já 35$00 por mês, quando um dos antigos e de 1.ª classe com mais de vinte anos de casa, tem apenas 29$00. Belo contraste! Belo contraste dizemos, porque estes 29$00 ainda não são ordenado fixo.

—A lei pune com rigor os «burlões» que teem a infelicidade de cairem nas mãos da justiça, não é verdade?

Porque não punem igualmente os dirigentes da C. P. e os jornais burgueses que burlam o público, dizendo-lhe que o serviço está normalizado?

Porque não prendem também êste Comité, que tem dito e continua dizendo que a greve é um facto e que jámais terá fim, enquanto não forem atendidas as nossas mínimas reclamações?!

—Parece que rebentaram aí uns petardos, sendo nossa convicção que foi obra de qualquer sujeito mandado pelas entidades que teem posto tudo isto como está, porque à hora precisa estava todo o pessoal reùnido na Caixa Económica Operária.

Sempre a mesma tática. Procuram desculpar-se com as classes que pedem pão!

Os ferroviários só querem mais alguma cousa, não se importando com os políticos.

Camaradas: Avante e não tenhais medo daqueles que nos querem assustar. Para a frente! Tudo a postos, como até hoje! Viva a greve geral.—*O Comité Central.*

Nota oficiosa do Sindicato

Que a normalização dos serviços é um facto, dizem os jornais da Companhia. Mas o que êsses jornais não podem ocultar por completo é o enorme rumor de protestos que até êles chegam, de todos quantos precisam utilizar-se dos serviços do Caminho de Ferro.

Muitos meninos estão ganhando com a greve e estão fazendo votos para que ela se prolongue até Janeiro, para deixarem de ser inquilinos, passando a ser senhorios.

Neste caso estão alguns revisores que *honradamente* se teem apresentado. Esta normalização é um *maná* para muitos.

Em compensação, a Companhia, com grande aprazimento das *fôrças vivas* do país e de câmaras sertanejas, sindicatos, juntas e fungágás, vê os seus interêsses medrarem assim, segundo o insuspeito *Diário de Notícias*, que diz:

«*Tráfego perdido*—Está já calculado em cento e oitenta mil toneladas o tráfego desviado pelas vias marítimas e fluviais durante os dias de greve.

Só pela fluvial a tonelagem desviada excede a 70.000».

A nomeação é de tal forma que a C. P. deu ordem para só serem recebidas remessas com porte pago e quando os expedidores assinem declarações isentando a Companhia de qualquer responsabilidade em caso de demora ou extravio da remessa.

E atreverem-se êstes cavalheiros a querer convencer o respeitável público de que os serviços estão normalizados!

—A C. P. tem dirigido convites a vários ex-empregados para retomarem os seus antigos lugares. Outros não precisam que os chamem, e arranjam empenhos para ser readmitidos.

Vamos a ver com quem pactua a companhia: se com os pobres que pedem mais um bocado de pão por terem sido honrados, se com os outros que enriqueceram por falta de probidade. A companhia é que o diz.

—Pede-nos o camarada Raul Moreira, serralheiro, que digamos que nada tem com o acto de sabotage praticado em Agualva, tendo sido prêso por se encontrar na véspera conversando com alguns amigos, e tendo passado a noite no ensaio da Sociedade, o que pode provar.

Comissão de melhoramentos da C. P.

Do sr. Armando Massano, presidente da Comissão de melhoramentos da C. P., recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Noticiando diàriamente uma certa imprensa que tem reùnido no Sindicato Ferroviário a comissão de melhoramentos e tomado deliberações com outros elementos grevistas, tomo a liberdade de esclarecer v. ex.ª que a comissão de melhoramentos nenhuma reùnião tem efectuado, visto nada ter com os elementos de acção ou directivos da greve e, o seu mandato, ser actualmente imperativo, não tendo, portanto, funções deliberativas.

Os membros da comissão de melhoramentos continuam em suas casas aguardando que o seu Sindicato lhes notifique que o govêrno pretende solucionar o conflito ou, então, que os prendam como é desejo do sr. Tomé de Barros Queiroz, que tem um misterioso empenho em fazer passar os membros desta comissão por agitadores, não obstante ser bem público que a comissão, durante mais de 60 dias, empregar todos os exforços para evitar a greve, não tendo a menor responsabilidade que a classe, numa certa altura, a tivesse galgado, devido a uma traição que o sr. Barros Queiroz talvez ainda conheça melhor que o signatário.—*Armando Massano*, presidente da Comissão de Melhoramentos da C. P.

A cozinha comunista

Pessoal jornaleiro dos tabacos de Xabregas, 5$26; pessoal dos Tabacos Lisbonenses, 5$60; oficina de tanoaria de Gomes Paiva & Barros, 1$70; um demitido de 1914, $50; pessoal da oficina da carpinteria de Gumerzindo Vicente Peres, 2$60; quete da obra da Guia, 3$45; anónimo, $50; Empreza Industrial Portuguesa: lista 118, secção de fundição, 2$70, lista, 120, secção de carpinteiros, 1$70, lista 122, secção de serralheiros mecânicos, 1$82, lista 174, secção de torneiros, 4$58; quete aberta entre os ferroviários grevistas de Alverca, 10$20. idem do pessoal da Fábrica de Magalhães, em Chelas, 4$70; idem da Mercearia Nabiça, 1$00; idem da loja de Joaquim Araujo, $30; idem da loja Jaime Peseadinhá, 1$29: idem da carvoária José Sedas, 6$80; Vasconcelos, comerciante, 1$00; Francisco Correia, $50; lista 211, quete aberta no pessoal operário da construção civil do cemitério dos Prazeres, 9$75. Total, 65$95.

A comissão da cozinha continua lutando com algumas dificuldades ùnanceiras, em virtude de, dia a dia, o número de camaradas necessitados aumentar consideràvelmente; continua apelando para todas as classes operárias para não faltar com o valioso concurso prestado até à data.

Igualmente essa comissão roga às associações de classe, que ainda não responderam aos seus ofícios, que o façam o mais breve possivel. Na sêde do Sindicato ferroviário recebem-se quaisquer donativos, todos os dias, das 8 da manhã às 24 horas.

Ofertas de géneros

Dos seguintes proprietários de Olivais:

Pedro Luiz, um cabaz com tomates; António Maria Jácome, nove couves; Pedro Vicente, seis couves; Artur Tavares, doze couves.

União dos Sindicatos Operários

A Comissão Administrativa da União dos Sindicatos Operários convida por êste meio, o sindicato ferroviário da C. P. a nomear delegado, munido das respectivas credenciais, a fim de aqui receber hoje, das 20 às 22 horas, a quantia de 130$55, produto de quetes aqui recebidas.

Procurando conseguir operários

ALJUSTREL, 10.—Estão aqui três empregados do ministério do trabalho, António Pais Lobo e Manuel Leonardo Rocha, ambos de Aljustrel, que andam contratando maquinistas, fogueiros, limpadores, serralheiros e toda a gente que queira ir. Dizem-me que vai muita gente e que se apresenta àmanhã, 11 na estação do Rocio.

Tenho-me esforçado por conseguir que não vá ninguém, mas apesar disso sempre há quem se preste a ir trabalhar na linha da Companhia.—C.

Na Hungria

Segundo a Havas, a guarda vermelha está quási desarmada

BUDAPEST, 10.—Com a chegada dos generais franceses que veem fiscalizar a execução do armistício das tropas romenas e das medidas tomadas, a ordem vai estando assegurada.

A população civil está entregando as armas e a guarda vermelha dentro de pouco ficará desarmada.—H.

Boatos falsos?

PARIS, 10.—Os alemães teem continuado a espalhar boatos de grandes desordens em Strasburg entre soldados franceses e civis.

Estes boatos são completamente falsos.—H.

Um arquiduque propõe-se destruir o bolxevismo

PARIS, 10.—Diz o *Temps* que o arquiduque José escreveu ao sr. Clemenceau pedindo aos aliados para reconhecerem o seu govêrno, o qual restabelecerá a ordem, destruirá o bolxevismo na Hungria e convocará a assemblea nacional.—H.

De Viena para Budapest

LONDRES, 10.—A Agencia Reuter diz que, segundo um telegrama que recebeu de Berlim, os homens de Estado húngaro e entre êles Lovasec, o conde Stefan, Bethken e o *leader* socialista Garani saíram de Viena num comboio especial, dirigindo-se para Budapest.—H.

«A paz» em Budapest—Os jornais suspensos por... falta de papel

BUDAPEST, 10.—O arquiduque Frederico, presidente do conselho, declarou que os empregados públicos lhe faziam promessas de ajudar fielmente o govêrno, que êste não quer exercer represálias, antes procurará a reconciliação.

O arquiduque recebe felicitações de todas as classes da sociedade.

Os jornais suspenderam a publicação devido à falta de papel. Só o *Jornal Oficial* é que se publica duas vezes por dia.—H.

FRANÇA

As responsabilidades...

VERSALHES, 10.—Von Lersner comunicou à secretaria geral da conferência a constituição da comissão das responsabilidades da guerra, a qual se porá em relações com a comissão interaliada das reclamações.—H.

Margulies absolvido

MARSELHA, 10.—O conselho de guerra absolveu Margulies que era acusado de se introduzir nas praças fortes de Paris e Nice e de comércio com o inimigo.—H.

A reconstrução das regiões devastadas

SAINT GERMAIN, 10.—O sr. Loucher presidiu à conferência que trata da cooperação da mão de obra austríaca na reconstrução das regiões devastadas.—H.

A Bôlsa

ROMA, 9.—Câmbio s/Londres, 39,03. A bôlsa está fechada até 18 inclusivé.

PELA ALEMANHA

O kronprinz e o principe da Baviera no alto tribunal

BAMBERG, 10.—A Dieta ocupou-se das cartas do kronprinz e do principe Ruprech, da Baviera, pedindo para comparecerem perante o alto tribunal.—H.

Cem milhões para a Revolução

WEIMAR, 10.—O govêrno declarou na assemblea nacional que diferentes conselhos de operários e soldados se recusaram a prestar contas ao império, o qual perdeu 100 milhões de marcos.—H.

Casa onde não há pão...

BERLIM, 10.—Na sexta feira houve desordens em Chemnitz por causa da divisão dos víveres, havendo vários feridos.—H.

O processo do ex-kaiser

LONDRES, 10.—Diz o *Evening Post* que o processo do ex-kaiser se deve realizar em Hampton Court, perto de Londres.—H.

Bela Kun

VIENA, 10.—Bela Kun chegou a Urossau, próximo de Kiemgsgrabuen.—H.

Na America do Norte

Tentando pôr termo à carestia da vida

WASHINGTON, 10.—Estão sendo estudadas as medidas para terminar com a carestia da vida e algumas dessas medidas acham-se concluídas. Sòmente depois de publicadas é que as questões que resultam do tratado de paz serão examinadas.—H.

Ainda a paz

VIENA, 10.—A comissão da assemblea nacional apreciou o relatório do chanceler Renner, sôbre as negociações da paz.—H.

UM BRADO

A classe têxtil apela para as outras classes

Umas das corporações operárias que mais duras provas vem sofrendo desde que rebentou a guerra, pôsto que já antes da eclosão do grande flagelo a sua situação não fôsse próspera, é a da indústria têxtil. Mercê da falta de matérias primas e também de alguns industriais não quererem limitar os seus lucros, estão encerradas no país muitas fábricas, motivo porque nos principais centros industriais, como Covilhã, Pôrto e Lisboa, estão em forçada inactividade alguns milhares de camaradas nossos, os restantes trabalhando, em regra, apenas três dias por semana.

Em conseqüência disto, a miséria entre os operários da indústria têxtil é extrema, porquanto não só muitos dêles estão inibidos de auferir, pelo exercício da sua profissão, qualquer salário, mas também os que laboram teem jornas baixíssimas, em relação às de antes da guerra, com a agravante do dia de trabalho ser, em geral, de muitas horas, o que, como é óbvio, dá origem a um menor emprêgo de braços.

No intuito de sair duma tam difícil situação, vem a Associação dos Operários da Indústria Têxtil do Pôrto de dirigir um apêlo à 2.ª Secção da União Operária Nacional, no intuito de que as restantes associações operárias vão em auxílio daquela corporação, apêlo a que certamente o proletariado organizado não deixará de acorrer com a possível eficiência.

Publicamos a seguir o ofício que o referido sindicato enviou à U. O. N.:

«*Camaradas.* — O estado lastimoso e degradante em que actualmente se encontra a classe têxtil não é por vós desconhecido, pois como deveis saber, a quási totalidade das fábricas algodoeiras de fiação e tecelagem, foram encerradas há mais de sete meses, e os seus operários vagueiam por êsse país, cheios de miséria extrema, pedindo esmola, uns, e fazendo concorrência de braços a diferentes classes, outros.

E, portanto, como vêdes, uma numerosíssima classe que, concorrendo para o definhamento de todas as outras classes laboriosas, não só pela abundância de braços que levou à várias indústrias, mas também pela baixesa que parte de seus membros são obrigados a aceitar nesta vil sociedade, devido ao estado decadente em que vegetam.

E como não tem havido forma possível de se conseguir a reabertura das mencionadas fábricas, levamos ao vosso conhecimento, que em reunião magna dos operários têxtis desta cidade, foi votada uma moção do teor seguinte:

«Considerando que a classe têxtil, não pode continuar por mais tempo na miserável situação em que actualmente se encontra, devido ao encerramento das fábricas algodoeiras, esta assembleia resolve lançar um apêlo solene a toda a organização operária do país, afirmar, juntamente com todo o povo trabalhador, que pretende levantar-se o abismo em que vegeta.

Pôrto, 4 de Julho de 1919.»

Em harmonia com a moção transcrita, vem esta colectividade rogar a êsse importante organismo confederal, para que em todo o país se levante uma larga campanha em favor desta classe, bem digna de melhor sorte, campanha essa, cuja repercussão poderá ser auxiliada pelas Uniões de Sindicatos de todo o país, se vós assim o entenderdes.

Cônscios de que seremos atendidos nesta petição de tam alto valor social, aguardamos as vossas resoluções, na esperança de melhores dias para uma classe que já mais se levantará ao nível a que tem jus, se outras classes não vierem em seu auxílio, no próprio interêsse colectivo. Saúde e Revolução Social. — *A U. O. V. (2.ª secção)*. Pôrto e secretaria, etc. — O presidente, *José Gonçalves*.»

As greves

Marceneiros

Ontem, na reunião da classe, tomou-se conhecimento do cumprimento, por parte dos industriais, do escrito publicado no sábado na secção Vida Operária, do *Século*, para que retomassem o trabalho nas oficinas que hoje abriram, notícia que, por ir nessa secção, dava a perceber de que o convite era do Sindicato. Ficou a comissão ciente de que mais uma vez os industriais intransigentes, provaram a sua dignidade, por êles tam apregoada, pois que foi tal a sua conduta, que obtiveram por resposta, os operários voltarem-lhes as costas.

Operários das fábricas de conservas de Almada

Uma reünião dos metalúrgicos

ALMADA, 11. — C. — A despeito de ameaças e várias tentativas dos industriais de conservas para *furar* a greve, esta mantêm-se com o mesmo entusiasmo do primeiro dia.

Reuniram ontem, pelas 14 horas, em assemblea magna, os operários na secção do Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Almada.

Compareceram na reünião delegados do Conselho Técnico, do referido sindicato, que vieram trazer aos operários em greve o apoio de todos os metalúrgicos, salientando a necessidade de todos os operários da indústria de conservas ingressarem no Sindicato.

A assemblea tomou conhecimento de que alguns sócios da fábrica «Invencível» quizeram espancar dentro da fábrica um operário, devido a êste protestar pela falta de algum dinheiro que lhe devia ser pago. Destacou-se nêste procedimento um indivíduo que alguma coisa o deve aconselhar a adoptar atitude mais nobre.

Foram nomeados delegados ao Conselho Técnico os camaradas António Veloso e Manuel Iglésias, por Lisboa; e David Augusto Correia, por Almada.

No fim da reünião usaram da palavra alguns camaradas, os quais verberaram ásperamente as perseguições de que estão sendo vítimas a imprensa operária e os trabalhadores militantes da organização operária; sendo aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o govêrno tem perseguido sistemáticamente a imprensa operária sindicalista obrigando por esta forma a suspensão do jornal *Avante!*

Considerando que as prisões que teem sido feitas em massa representam uma afronta à classe trabalhadora.

Os operários das fábricas de conservas, reünidos em assemblea magna, protestam enérgicamente contra essas perseguições, dando o seu incondicional apoio a todas as resoluções que por ventura a U. O. N. venha a tomar no sentido de terminar com todas as violências.

Soluciona-se a greve da Carris

PORTO. 11. — Das últimas negociações que entre a administração da Companhia Carris e os grevistas acabam de concluir-se resulta estar solucionado o conflito, pelo que o pessoal deve retomar àmanhã o trabalho.

O movimento monárquico

PORTO, 11. — Terminou esta tarde o julgamento começado em 9, dos militares presos como implicados no movimento monárquico, sendo condenados o ex-coronel Paulo do Quental e o ex-tenente Patrício de Almeida e Brito, a 4 anos de prisão maior celular cada um, o coronel Castelo Branco, o coronel Frederico Machado, o coronel Almeida Leitão e o tenente-coronel Almeida Novais, a 6 meses de prisão correccional levando-se-lhes em conta a prisão já sofrida; o sargento Couto Chatero a 3 meses de prisão correccional, o tenente Miguel Loureiro e o alferes Virgílio Lopes absolvidos.

Aviação trágica

GALLARATE, (Milão), 10. — Um avião que voava sôbre Malpensa caíu, havendo três passageiros mortos. — H.

CHARTRES, 10. — Em Damery um aeroplano que andava em observação, caíu e explodiu, ficando feridos vários oficiais. — H.

As perseguições governamentais

Mais uma detenção arbitrária

No quartel do Carmo continuam arbitràriamente detidos os operários presos *por acaso* quando dos cercos a vários organismos sindicais. Ontem, permitiram-lhes que recebessem a visita de suas famílias e dos seus amigos, tendo nessa ocasião ficado preso, o manufactor de calçado, Jaime das Neves, o que representa mais uma violência contra a qual enérgicamente protestamos. A'cêrca da libertação dêsses camaradas ainda nada consta, persistindo os governantes em manter uma arbitrariedade que bastante tem revoltado o povo trabalhador.

Canteiros e Polidores de Mármore

Protesta enérgicamente a direcção do sindicato desta classe contra a prisão do operário Domingos Pereira, que se encontra nos calabouços do govêrno civil.

Para a libertação dos presos

A comissão prò-presos por questões sociais, procurou ontem, acompanhada pelas mulheres dos presos, o director da polícia de segurança do Estado. Prometeu êsse funcionário libertar o camarada Francisco Cândido de Andrade, prêso na esquadra do Caminho Novo; no que se refere aos outros presos, prometeu também que à medida que fôssem chegando os processos que lhes dizem respeito, lhes daria andamento.

Federação Mobiliária

São convidados os delegados dos Estofadores, Torneiros, Polidores, Colchoeiros, Cesteiros de Lisboa, Bagueteiros, Entalhadores e Marceneiros, a reünirem àmanhã, às 21 horas, em assemblea federal, no local n.º 12, a fim de se ocupar da situação dos camaradas arbitràriamente presos, e da censura prévia que se está exercendo sôbre a *Batalha*. São também convidados os cesteiros de Gonçalo.

Uma vítima dos industriais

O operário Francisco José Fernandes, de Olhão, que era, naquela vila, o escriturário da Associação Marítima, foi preso há cêrca dum mês, sendo acusado de agitador. Enviado sob prisão, para Lisboa, encontra-se num calabouço do quartel de marinheiros, de onde nos envia a seguinte carta:

Camarada redactor. — Faz hoje 24 dias que fui capturado em Olhão, onde tenho a residência, com uma prole de 6 filhos e mulher, dos quais sou único amparo. Momentos depois fui metido numa carroça e acompanhado por três soldados de cavalaria, fui conduzido para Faro e entregue ao governador civil. Vim no dia seguinte para Lisboa e fui apresentado à polícia de segurança do Estado que me fotografou e até quási radiografou.

Terminados êstes trabalhos, fui enviado para a esquadra do Caminho Novo e daí para o quartel de marinheiros, Alcântara, onde me acho prêso.

Uma comissão de amigos meus, de Olhão, tendo conhecimento de ter sido eu enviado para Lisboa, procurou o governador civil do Algarve, e fez-lhe constar que a minha prisão foi injusta, respondendo-lhe esta autoridade que tinha sido informada pelas autoridades de Olhão, que eu era desrespeitador das mesmas autoridades e propagandista perigoso. Ora estas acusações soube eu depois que partiram do secretário da Administração do Concelho de Olhão, o Baptistinha que havia já sido também administrador por várias vezes, e uma noite até, na companhia de alguns seus amigos, êste sr. teve o despôlante de me assaltar a casa pelas 9 horas da noite de revólver em punho na intenção de me matar, como ele dizia.

¿Quem é mais perigoso, eu ou o Baptistinha?

E' bom que se saiba com quem lidamos.

Vosso amigo e camarada. *Francisco José Fernandes.*

Prêso no Quartel de Marinheiros, em Ancântara.

— Num passeio realizado à costa da Caparica pela troupe «Os Bixinhos», constituída por manufactores de calçado, abriu-se uma quete, que rendeu 4$00 para ser entregue aos operários manufactores de calçado prêsos.

UM CONVITE

Convidamos o camarada que em 22 de Julho nos veiu trazer uma informação sôbre o cêrco do quartel de engenharia por cavalaria da guarda republicana, polícia e marinha a vir a esta redacção hoje, das 20 às 24 horas.

Ao ministro da justiça

Um caso grave

António Pires, natural de Vinhais, Traz-os-Montes, é um indivíduo que há quatro anos foi encerrado na cadeia dessa vila, por ter sido acometido de um ataque nervoso, de que lhe resultou uma ligeira perturbação das faculdades mentais. Foi daí transferido para a Relação do Pôrto, encontrando-se há quatro longos anos na enxovia. Tem êsse indivíduo apelado imensas vezes para os magistrados competentes, sem que até agora as suas reclamações tenham sido atendidas.

Parece-nos, pois, de toda a justiça, que o ministro da justiça mande inquirir da situação de António Pires, a fim de justiça lhe ser feita.

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENÚ — O auto de fé aos jornais que inseriam o retrato de Sidónio Pais — Uma reünião de sargentos que provoca protestos

Deputados

Estão presentes 62 deputados. O quorum é de 50.

O sr. Afonso de Melo protesta contra a intolerância e falta de educação cívica que revela o facto de serem destruídos pelos populares, em auto de fé, jornais que traziam o retrato do falecido presidente da República, dr. Sidónio Pais.

Os srs. Tavares de Carvalho e Sá Pereira, em apartes, aplaudem o acto. Acham-no bem, pois que os sidonistas não hesitariam em fazer o mesmo.

O sr. Afonso de Melo protesta também contra o facto de ter sido permitida superiormente uma reünião da classe dos sargentos. O exército é um só; não se admite dentro dêle subdivisão em classes.

O sr. presidente responde que ao govêrno não cabe nenhuma responsabilidade no auto de fé feito aos jornais na via pública.

Em seguida é pelo sr. presidente dada a palavra ao sr. Hermano de Medeiros para realizar a sua interpelação ao sr. ministro do trabalho sôbre a questão hospitalar, falando êsse deputado por largo tempo, atacando a Associação do Pessoal dos Hospitais Civis com evidente hostilidade.

Depois de ter respondido ao interpelante o sr. ministro do trabalho, o sr. Orlando Marçal requer que entre imediatamente em discussão o projecto de lei, que já tem o competente parecer, sôbre o aumento de vencimentos aos magistrados judiciais e do ministério público dos distritos criminais e transgressões de Lisboa e Pôrto.

O mesmo deputado pede ainda urgência, sendo concedida, para um projecto de lei que manda para a mesa, permitindo que os funcionários civis que estejam impedidos por efeito da mobilização militar vão a concurso com qualquer tempo de classe.

O sr. Nuno Simões, referindo-se ao primeiro projecto, diz que a câmara não tem o direito de tratar dêstes casos isolados, sem que primeiro procurem igualar os vencimentos de todo o funcionalismo público.

Aprovado o artigo 1.º do projecto.

O sr. Paiva Gomes, requereu para que se suspendesse a discussão até chegar o sr. ministro da justiça.

Pôsto à votação êsse requerimento, o sr. Nuno Simões requer a contraprova sendo aprovado.

O dr. Júlio Martins, pergunta à mesa se o art.º 1.º está aprovado, obtendo resposta afirmativa.

A pedido do dr. Eduardo de Sena entrou em discussão o parecer n.º 11 sôbre a exportação de cal da Alfândega do Funchal que foi aprovado.

Os artigos dêsse projecto são os seguintes:

Artigo 1.º Toda a cal preparada, importada pela Alfândega do Funchal, pagará $03(3) por litro.

Art.º 2.º Êste imposto é destinado à Câmara Municipal do concelho do Pôrto Santo.

Art.º 3.º Fica revogada a legislação em contrário.

O sr. Pedro Pita requereu a dispensa da última redacção, que foi aprovado.

Por proposta do dr. Pedro Pita entrou em discussão o parecer n.º 21 sôbre o subsídio a fixar aos membros do Congresso pelo Poder Legislativo.

Sôbre êste parecer falou o dr. Nuno Simões, sendo em seguida posto à votação.

O sr. Pais Rovisco requer a contraprova. Feita esta verificou-se estarem presentes 71 deputados.

Aprovado o parecer na generalidade, ao discutir-se na especialidade falaram sôbre êle os srs. dr. Brito Camacho, Jaime de Sousa, Alvaro Guedes, que envia para a mesa uma proposta de emenda ao artigo 1.º, Nuno Simões, Pedro Pita e Alberto Xavier, que também manda para a mesa uma proposta.

Lida a proposta do dr. Alvaro Guedes, fixando em 100$00 o subsídio dos deputados, quanto em exercício, falou sôbre ela o dr. Júlio Martins, que embora reconheça que os deputados não teem um subsídio rasoável, declara que o parlamento perde a sua fôrça moral se votar o projecto, dadas as circunstâncias miserríssimas em que se encontram muitos funcionários públicos que reclamam melhoria de situação.

O dr. Brito Camacho entende que o projecto devia ser votado tal qual está.

O dr. Afonso de Melo concorda com o aumento de subsídio, dando por isso o seu voto à proposta.

Posto à votação o artigo 1.º foi aprovado, sendo rejeitada a proposta do dr. Alberto Xavier.

Posto à discussão o artigo 2.º falaram sôbre êle o dr. Brito Camacho e o dr. Pedro Pita, relator do parecer, sendo em seguida posto à votação e aprovado.

O dr. Pedro Pita propôs a eliminação do artigo 3.º, o que foi aprovado, e em seguida propôs a dispensa da última redacção do parecer que se acabára de discutir, o que igualmente foi aprovado.

O sr. Campos de Melo envia para a mesa o parecer da comissão de subsídio aos deputados que, por proposta do dr. Pedro Martins, baixou à comissão de finanças.

Seguidamente procedeu-se à votação do parecer n.º 18, sôbre o reembôlso dos adiantamentos em dívida à Caixa Geral dos Depósitos e Instituições de Previdências pelos funcionários públicos.

Sôbre o projecto falaram os drs. Pais Rovisco, António José Pereira, Alves dos Santos, Afonso de Melo, que propõe a eliminação do § 5.º e Vitorino Guimarães.

Em seguida encerrou-se a sessão, ficando a seguinte marcada para hoje.

Tribunal de Árbitros e Avindores

Sob a presidência do sr. Filipe da Silva Mendes, escrivão interino Pina Vidal, e árbitro por parte dos patrões, os srs. Ernesto de Almeida, José Dias Sobral, Teodoro Pombo e António José da Silva Júnior, e por parte dos operários os srs. Joaquim Francisco dos Santos, José Dias, José Luís Caetano e Manuel dos Santos, reüniu-se ontem êste tribunal, para julgar as seguintes causas:

Albino Tavares da Silva, contra Fernando Moutinho; José Rodrigues e Silva, contra Dias Daniel, gerente da Companhia de Seguros Portugal Previdente; António da Silva, representado por Armando Filipe da Silva, contra Gonçalves de Carvalho, Ld., sendo resolvido respectivamente aguardarem promoção; João de Carvalho, contra Mouco & Corrêa, desistido; Jerónimo Germano de Melo Soares, contra Virgílio & Silva; conciliados por 17$80; Alfredo Martins Duarte, contra José Maria Ferreira Mortágua, absolvido o reu da instância; Manuel das Neves, contra Armando Augusto Cruz, condenado numa parte da exigida; e Laura Marques Farinha, contra a Cooperativa Militar, condenada em 44$00.

SUICÍDIO

Suicidou-se Manuel Joaquim de Melo Fragoso, rua da Regueira, 7, 2.º. O cadáver foi removido para a Morgue.

Biciclete empenhada

Foi enviado para o tribunal um indivíduo acusado por Artur Rodrigues, rua do Sol, a Santa Catarina, 9, de lhe ter alugado uma biciclete no valor de 60$00, que foi empenhar por 10$00.

FACTOS DIVERSOS

Um filho do operário Elias Filipe perdeu anteontem em Algés um sapatinho de vitela, pedindo a quem o achou a fineza de o entregar nesta redacção ou na Calçadinha de S. Miguel, 12, 3.º

— Furtaram ontem ao vendedor de bilhetes de lotaria Armando Augusto, oito vigésimos com o n.º 5:568, talões n.º 1 a 8. Pede ao respectivo cambista que não rebata tais vigésimos.

Um "humanitário" industrial

Queixa-se-nos o operário cabouqueiro Joaquim Marques, que andando há dias a trabalhar na pedreira da Musgueira, queimou o rosto e as mãos, quando ia a pegar num saco com pólvora, tendo nós verificado os estragos que lhe produziram as queimaduras. Pois o respectivo industrial, em face dêste desastre no trabalho, quando devia indemnizar o operário dos dias que deixou de trabalhar por virtude do mesmo desastre, tomou esta resolução: despedi-lo.

Chama-se o *humanitário* industrial Deodato Quintino.

Vadios da classe baixa

Respondem hoje no govêrno civil os seguintes indivíduos acusados de vadiagem: Manuel Marques da Silva, Joaquim Inácio da Cruz, Maurício José Gonçalves, António José Bastos, Joaquim da Silva, Júlio Gaspar Martins, António Correa, António Augusto dos Santos, Joaquim Rodrigues, Manuel Gomes, João Francisco Solano e Amadeu Fernandes.

Alguns dêles foram presos no Barreiro por ocasião da última greve na C. U. P. sendo possível, pois, que se trate de operários a quem o potentado Alfredo da Silva acusa talvez de vádios. Não será assim?

Em liberdade

Foi posto em liberdade Plágio Augusto Monteiro, por se ter provado a sua inocência sôbre o furto de sacas de farinha, no Caramujo, facto de que alguns jornais deram notícia.

As greves nos Estados-Unidos

Os actores fazem greve — A greve dos electricos de Broocklyn

NEW YORK, 9. — Depois de inúteis esforços para pôr a trabalhar os carros electricos em Broocklyn, a companhia resolveu suspender todo o serviço. — Começou ontem a greve dos actores, tendo os treze primeiros teatros que fechar, não obstante o público ter já tomado logar para assistir à representação. — H.

Câmara Municipal de Lisboa

A construção de um "Metropolitano" na capital

O sr. João Pires Correia, director do Banco Português e Brazileiro e o sr. Ricardo Correia entregaram ontem na Câmara Municipal um requerimento no qual solicitam que lhes seja dada a concessão para construirem e explorarem em Lisboa um metropolitano (caminho de ferro electro-subterrâneo) à semelhança do que existe em Londres e Paris e do que se está já construindo em Madrid.

Os requerentes fundamentaram o seu pedido na insuficiência dos meios de transporte na capital, o que está prejudicando a vida da cidade, e no preço excessivo das passagens, o que também dificulta muitíssimo o comércio e as classes menos abastadas, que se encontram impossibilitadas de residirem nos pontos afastados do centro da cidade, onde as rendas das habitações são mais económicas.

Também os requerentes alegam que com tam importante melhoramento não são unicamente os munícipes os beneficiados, que já era só por si razão para o deferimento, mas a própria Câmara Municipal.

Um pedido para venda de iluminação e energia eléctrica

O sr. Ricardo Covões também entregou na Câmara um requerimento pedindo que, pelo tempo e condições a determinar, lhe seja concedida autorização para o fabrico e venda de iluminação e energia eléctrica e bem assim o exclusivo daquela indústria quando terminasse a licença concedida à sociedade Companhias Reünidas Gás e Eléctricidade.

O requerente, entre outras vantagens, oferece a da redução de 50 0/0 no preço porque actualmente é vendida à Câmara a energia para a iluminação pública a electridade da cidade.

Desordens

Por apedrejar o seu pai, foi prêso Manuel Lourenço, Avenida do Parque, Vila Cândida.

— Por ter dado uma facada no nariz de José António, rua Barão de Sabrosa, 145, foi prêso Augusto Felix, rua da Imprensa Nacional, 40, loja. O ferido foi pensado no banco do hospital de S. José.

— Também se queixou à polícia Joaquim Afonso, pátio das Oliveiras, de que um indivíduo que não conhece lhe vibrou uma facada no pescoço, tendo recebido curativo no pôsto da Cruz Branca.

Os que roubam fora da lei

A João Henríque, rua Maria Pia, 159, furtaram objectos no valor de 100$00.

— Queixaram-se à polícia Rita de Jesus, rua dos Vinagres, 11, 3.º, de que lhe furtaram um cordão de ouro no valor de 50$00. Maria do Patrocínio Nunes Trancoso, rua Tomás Ribeiro, 56, r/c., de que, por arrombamento, furtaram da sua residência, objectos no valor de 20$00.

MOVIMENTO MARITIMO

Entradas em 10

Vapor francês "Marie Therèse", de Huelva; vapor holandês "Deschteslaud", de Amsterdam; chalupa francesa "Felix Faure", de Newport; chalupa francesa "Première", de Newport.

Saidas

Vapor português "Minho", para Cabo Verde, pela Guiné.

Entradas em 11

Vapores: holandês "Vaterwev", de Antuerpia; americano "Bayona", de New York e Bilbau; rebocador português "Carregado", de Londres.

Saidas

Vapores: holandeses "Drechterland", para Sout e "Calypson", para Amsterdam; grego "Olympon", para Londres; inglese "Agoeila" para Tenerife e "Laplace", para o Faial; escunas francesas "Tourmente" e "Notre Dame de la Gerde", para Fecamp.

O regime das 8 horas

Foi aprovado o regulamento fixando o dia normal de 8 horas de trabalho para todos os serviços da província de Moçambique, com excepção dos das secretarias, dos portos e caminhos de ferro.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único Metalúrgico. — Os delegados que pela Central dêste Sindicato foram nomeados para assistir à sessão que no domingo se realizou na Secção de Almada, para tratar da situação dos soldadores e do pessoal feminino das fábricas de conservas, e que se encontram em greve, deram conta da sua missão, tendo sido os seus trabalhos coroados de êxito, segundo a orientação que resolveu seguir na questão o Conselho Técnico e de Melhoramentos.

Existem na secretaria dêste Sindicato as importâncias de 1$85 e 1$65, provenientes de duas quetes tiradas, a primeira entre os metalúrgicos das oficinas do Estado na Triste-Feira e a favor dos Camaradas da Companhia das Águas e a segunda pelos camaradas das oficinas do Parry-Sons, destinada aos camaradas Farinheiros do Caramujo.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários. Para continuação de trabalhos, reúne hoje a assemblea de delegados a êste organismo; com representação da U. O. N., Conselho Jurídico e Federação de Indústria.

A Comissão Administrativa lembra a todos os delegados o compromisso últimamente tomada, esperando que nenhum falte. Lembra também a necessidade de pagamento da cotização de um escudo aos sindicatos que já satisfizeram a cota de cincoenta centavos; e a de um escudo e cincoenta centavos para aqueles que ainda não pagaram nem uma, nem outra.

Sindicato Único Metalúrgico. — Hoje reúne o Conselho Técnico e de Melhoramentos, esperando-se que assistam todos os representantes das especialidades da indústria, atento os assuntos importantes que há a tratar nesta reünião.

O «Bolsim de Trabalho», convida todos os camaradas metalúrgicos sem trabalho, filiados no Sindicato, a comparecer na sede, hoje, pelas 15 horas.

União dos Operários do Município. — Reúnem hoje, ás 21 horas prefixas, os corpos gerentes com a comissão de melhoramentos. Pede-se a comparência de todos.

Federação da Construção Civil (Conselho Técnico). — Reúne hoje, pelas 21 horas.

Catraeiros do Pôrto de Lisboa. — E' convocada extraordinàriamente a assemblea geral desta colectividade para hoje, pelas 19 horas.

Litógrafos de Lisboa. — São convidados os camaradas delegados de litografia a reünir àmanhã, pelas 21 horas, para assunto que se prende com a situação dos camaradas litógrafos da Nova Companhia Nacional de Moagem.

Fabricantes de Cal. — Reúne hoje a assemblea geral, às 20 horas.

Polidores de Móveis. — Reünem hoje conjuntamente, pelas 20 horas, as comissões de Melhoramentos e Administrativa.

Petardo que explode

Pelas 16 horas de ontem foi lançado um petardo na Calçada da Glória, não causando ferimentos nem estragos. Presume-se que fôsse deitado da grade da rua das Taipas. A polícia tomou conta do caso.

O criado assassino

No Hospital de S. José, faleceu ontem Joaquim Pereira, aquele fazendeiro, residente na Trafaria, que há dias foi agredido a tiro pelo seu ex-criado, caso a que largamente nos referimos.

Agredido à pedrada

Bernardino de Almeida, 23 anos, solteiro, trabalhador, residente na rua da Cascalheira, pateo 30, ao passar ontem pela rua Braamcamp, foi agredido com uma pedrada, no olho esquerdo, ignorando de onde ela partira. Conduzido ao Hospital de S. José foi ali pensado no Banco, recolhendo depois à enfermaria n.º 8 (S. Sebastião) não pela importância do ferimento, mas em virtude de ser cego do olho direito e ter o outro ligado.

Prisão de um desertor

A polícia prendeu por ser desertor o soldado 725, da 5.ª companhia de infantaria 24, Luís Rodrigues Pala.

A favor dum operário prêso

Nas oficinas da câmara municipal em Alcântara foi aberta uma quete para o operário pintor Arsénio Filipe, que rendeu 3$00, sendo também aberta, com o mesmo fim, uma quete na obra do quartel de engenharia, que rendeu 4$21 e ainda uma terceira quete foi aberta no palácio de Belem, que atingiu 2$80.

O produto destas quetes foi, entregue àquele operário por José Trovão.

Tentativa de suicídio

Para a enfermaria 3 (Senhora do Carmo) do Hospital da Estefânia, entrou Alice Cardoso, de 27 anos, residente na travessa da Palmeira, 55, 1.º, que tentou suicidar-se por envenenamento.

O TEMPO

Temperatura do ar em 11. — Lisboa, 26,5; Pôrto, ?; Coimbra, 20,1; Madrid, 24,0.

Vento. — Lisboa, NNE; Pôrto ?; Coimbra, NW; Madrid, E.

Tempo provável hoje. — Vento moderado do quadrante NE. Céu limpo ou de algumas nuvens.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas:

José Paz Gutierres, ás 13, da rua das Taipas, 3; D. Palmira da Conceição ás 14, do largo das Olarias, 65; D. Ermelinda Nunes Pereira, ás 13, do hospital de S. José; menina Natália Marques Fragão, ás 16, da rua da Fé, 23; do engenheiro João da Costa Couraça, ás 15, da calçada da Estrela, 168; D. Maria Amélia Rodrigues de Brito, ás 13, da avenida Defensores de Chaves, 2; D. Maria Carlota de Morais, ás 16, da rua Conde Redondo, 53; menino José Manuel Ribeiro de Roman Navarro, ás 11, da rua da Escola do Exército, 11.

OBITUARIO

Cadáveres inumados no dia 10 do corrente:

No cemitério da Ajuda — Manuel Faustino, 0 a.; Maria José dos Santos, 5 a.; Maria de Lourdes Marques Fernandes, 1 m.; Olímpio Nascimento Castilho, 25 m.; Emília Nunes Teixeira, 17 a.; Maria Amélia Mendonça, 50 a.; José Gertrudes, 49 a. e Amália de Almeida, 26 anos.

No cemitério de Bemfica — Adelaide Vaz, 1 a.; José dos Santos Figueiredo, 55 a.; João Maria da Costa Pinto, 52 a.; Maria Piedade Reis, 53 a.; Raul de Sousa, 30 a.; João de Matos, 90 a. e Julia Mercedes da Silva, 8 m.

Ultimas notícias

Como os comunistas faziam a propaganda das suas ideas

O "método de propaganda bolxevista", como o descreve a Havas

BUDAPEST, 11. — O govêrno comunista húngaro tem criado escolas para a formação do método de propaganda bolxevista. O govêrno comunista húngaro em Budapest fundou uma escola para a formação de agitadores no antigo palácio do duque de Esterhary, na rua Esterhary n.º 30. Os alunos desta escola teem operários recrutados no partido comunista. Todavia, um pouco depois da queda de Bela Kun não tinha admitido os aderentes do partido Karoly dos advogados e jornalistas. Os alunos que passavam os exames com sucesso teem sido enviados em missão para as províncias. Aqueles que conhecem as línguas vivas vão para o estrangeiro.

Trinta agitadores foram enviados para Viena. Alguns dentre êstes estavam em poder de fortes somas de dinheiro. Segundo as instruções do comissário do povo, Kunfi, os 300 alunos da escola estavam divididos em diferentes grupos, conforme o seu conhecimento de línguas estrangeiras. Quarenta e cinco trabalhadores falando a língua italiana receberam uma instrução especial sôbre as condições do trabalho em Itália e sôbre a propaganda que haviam de fazer. A escola de propaganda bolxevista húngara servia-se duma forma geral de métodos em honra à escola de Moscou. Os agitadores enviados ao estrangeiro para semear a desordem nas classes trabalhadoras, recebiam as seguintes instruções:

Primeiramente que tudo entrar em contacto com os trabalhadores das fábricas onde o trabalho é árduo. Aos mais influentes e fanáticos dêstes operários êles devem distribuir as conveniências que o govêrno tem posto à sua disposição num objecto de propaganda. Esta táctica tem por fim fazer nascer nas classes laboriosas o desejo de possuir os bens como os comunistas húngaros e de fazer compreender aos trabalhadores todos os benefícios e lucros e as vantagens que êles poderão tirar da revolução comunista. Enquanto os bens teem sido distribuídos aos operários influentes, o agitador não deve perder a ocasião de fazer reconhecer o grande número de biliões adquirido pelas classes trabalhadoras húngaras, depois da confiscação dos bens.

Em resumo os agitadores devem fazer nascer em toda a parte entre as classes laboriosas o desejo da pilhagem. O govêrno comunista irá até confiscar as colecções de sêlos, para enviar em seguida aos seus agentes no estrangeiro dizendo-se como comerciantes de sêlos do correio. Enfim, a exemplo dos bolxevistas russos, o govêrno comunista húngaro procura e tenta fabricar notas falsas. Ele contudo não pode ter bom êxito porque não tem em seu poder máquinas e côres necessárias. A emissão das notas falsas tem por fim trazer o enfraquecimento à situação económica dos países imperialistas estrangeiros. — H.

As chuvas nos Açores

Importantes prejuízos e algumas mortes

PONTA DELGADA, 11. — As chuvas torrenciais que caíram na noite de sábado, ocasionaram avultados prejuízos nesta ilha.

As estradas estão intransitáveis, casas abatidas, jardins destruídos e culturas danificadas, assim como moínhos e fábricas eléctricas, havendo centenas de contos de prejuízos e algumas mortes. — H.

No país vísinho

As comunicações telegráficas interrompidas devido ao excesso de calor solar

MADRID, 11. — O ministro do interior disse aos jornalistas que toda a manhã as comunicações telefónicas e telegráficas teem estado interrompidas por causa dum transtorno nas correntes eléctricas e que atribui êste fenómeno à aproximação do sol ou excesso de calor.

O fenómeno segue a direcção da França e Inglaterra parecendo coincidir um engrandecimento de manchas solares. — H.

Assassino condenado

PORTO, 11 (às 21,10). — Foi julgado António Ferreira Robalo, que matou a tiros, com o intúito de roubar, Joaquim Silva Martins, tendo sido condenado a 8 anos de prisão celular. — H.

A greve da Carris

PORTO, 11 (às 21,21). — Circularam hoje por toda a cidade os carros eléctricos, mas parece que a questão com o pessoal está ainda latente, não tendo agradado a atitude dum dos administradores da companhia. — H.

Marido atraiçoado

Ontem de manhã quando António Rodrigues Barroso, residente na rua do Olival, 190, saía de sua casa viu em frente da sua residência um indivíduo de nome José, caixeiro duma mercearia na rua de S. João da Mata, e suspeitando que êle teria relações com sua mulher, voltou atrás, a sua casa, onde efectivamente as suas suspeitas se tornaram em realidade.

O caixeiro, ao ver-se descoberto pelo Barroso, conseguiu fugir o marido atraiçoado, como não pôde tirar desfôrço sôbre êle agrediu a mulher com socos e pontapés, tendo de ser conduzida para o hospital de S. José, onde ficou em tratamento.

Mais tarde o Barroso apresentou-se à polícia, recolhendo depois de interrogado a um dos calabouços do govêrno civil.

Aos presos do picadeiro do Carmo

Dos 200 camaradas que estiveram no picadeiro do quartel do Carmo, pouco mais de cem aqui vieram dar os seus nomes. E' de absoluta necessidade que os restantes se apressem a fazê-lo igualmente.

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO. — Rua da José, 87.

TEATRO S. LUIZ

Hoje — A engraçadíssima revista

O PÉ DE MEIA

Noite de alegria e gargalhada!

TEATROS & CINEMAS

Primeiras

GINÁSIO. — **A Menina de Chocolate,** *comédia em 4 actos de Paul Gavaret.*

Deixamos propositadamente passar dois dias sôbre a *reprise* da peça agora em scena no Ginásio para dela dizermos algo, visto que fazia pela primeira vez o difícil papel de Suzana Lapistolle a nóvel actriz Julieta Simões. Da comédia nada há a dizer pois que tudo foi dito já a quando da sua *première* pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Resta falar do desempenho, que agora é completamente novo. Sem procurar confrontos, devemos confessar que a *Menina do Chocolate* está menos mal representada, destacando-se Robles Monteiro e Samuel Diniz, se bem que êste fale demasiado depressa, o que não é natural num indivíduo que filosofa a propósito do mínimo incidente. Deve ser um pouco mais moderado, de contrário perdem-se muitas das suas frases, tirando, conseqüentemente, relevo ao papel. Não queremos dizer que iria melhor se désse um tom conselheiral à frase, porque isso também seria inconveniente, em virtude do carácter que o autor imprimiu à personagem. Teodoro Santos nem sempre nos agradou. Foi muito mais frouxo do que seria necessário. Julieta Simões, uma debutante quási, sôbre quem caíu o papel de Suzana, representou-o muito aceitávelmente, pena sendo que a sua figura a prejudique um tanto, e o modo de pisar o palco seja falso. Este defeito, bem como algumas inflexões impróprias, a prática os corrigirá, devendo desaparecer dentro em pouco, pois tendo uma mestra como sua avó, virá sem dúvida a ocupar um bom lugar na scena portuguesa. Daqui lho profetizamos, pois com tam pouco tempo de teatro, ninguém — absolutamente ninguém — fazia melhor.

A. L.

Réclames

Prossegue na sua gloriosa carreira, confirmando cada vez mais o sucesso obtido no Apolo, a revista "Lebre corrida", enriquecida pelo quadro "Bemdito é o fruto".

— No Coliseu dos Recreios realiza-se hoje a estreia do conhecido e apreciado barítono português António Caldeira, que, segundo nos consta, vai fazer, num número resumido de espectáculos, um reportório magnífico de trechos de ópera e canções portuguesas. Hoje todas as atracções da companhia, tais como Salambô, mexicanos e Pilar y Corintho.

— Toda a alma portuguesa se retrata nessa característica opereta que é *O Fado*, em representações no Trindade com um sucesso indiscutível. As enchentes são sucessivas e não há espectador que